

O amor gera a sabedoria

Rocca di Papa, 3 de outubro de 2001

Chiara Lubich

Tradução: José Maria de Almeida

A fundadora e presidente do Movimento dos Focolares relata episódios de sua vida e apresenta sua experiência relativa ao dom da Sabedoria, como um segredo da vida cristã; os estudos, como um pedestal para a Sabedoria e a doutrina que jorra de sua vivência e reflexão serve de marcadores para a vida cotidiana. *Abba*, São Paulo, v. 5, n. 1, pp. 9-23.

São abundantes os textos publicados e, portanto, à nossa disposição, os quais tratam daquela expressão do amor que chamamos de “sabedoria e estudo”.

O livro *Como um arco-íris*¹, por exemplo, trata amplamente disso. Os Estatutos Gerais da Obra de Maria e os Regulamentos dos vários setores do Movimento dos Focolares, também, tratam exaustivamente tanto do aspecto mais espiritual quanto do mais concreto desse tema (dos vários estudos, cursos, diversas escolas, universidade etc.) e, por isso, devemos estar todos amplamente informados a esse respeito. Não me resta, por isso, senão expor alguns pensamentos recolhidos no decorrer do tempo, a fim de que possamos estar mais conscientes daquilo que o nosso carisma exige de nós quanto a esse tema. Evidenciarei de passagem, inclusive, aquele longínquo ano em que apareceram essas idéias, para que possamos nos convencer da importância que o Espírito Santo lhes dá.

Se o amor vivido no Movimento gera comunhão, irradia, eleva, sana, acolhe em família, une, será capaz também de gerar luz, Sabedoria.

.....
1) Edição brasileira no prelo.

Há um momento bastante conhecido, em nossa história, que sempre consideramos fundante e fundamental, no que se refere a esse aspecto.

Trata-se daquele dia, na década de 40, em que, no primeiro focolare, na Praça dos Capuchinhos, [Trento, Itália], levei para o sótão meus queridos livros.

Eu resolvi desse modo aquela contradição que me parecia evidente em minha vida: buscar a verdade na filosofia, quando ela está totalmente contida em Jesus Eucaristia, que eu recebia todas as manhãs.

De fato, uma luz do Espírito Santo me fez compreender claramente que eu encontraria a verdade plena, autêntica, indiscutível, alta e profunda, nele, a Verdade: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Penso que esse fato seja o preâmbulo do aspecto que estamos aprofundando.

A propósito, nos arquivos da Obra encontrei recentemente uma carta daqueles primeiros tempos escrita a uma amiga, na qual eu dizia:

Veja só, sou uma pessoa que passa por este mundo. Vi tantas coisas belas e boas e sempre fui atraída por elas. Um dia, de certo modo indefinido dia, eu percebi uma luz. Pareceu-me mais bela do que as outras coisas belas, e segui-a. Dei-me conta de que era a Verdade.

Essa carta me surpreendeu. Pensei comigo: como foi que cheguei a essa conclusão? Supus que a luz, a que me referia, fosse aquela do carisma que o Espírito Santo nos doou e que, mais tarde, a Igreja submeteu a estudos e, com o dom do discernimento, aprovou.

O que encontrei de interessante nos textos, discursos, diários relativos a esse aspecto, que para simplificar chamarei de “anil”², não são, em geral, longos pensamentos, completos, meditados. São gotas — talvez de sabedoria ou de simples sabedoria humana — que se somam ou que explicam melhor aquelas coisas já conhecidas; ou pequenas proposições, que escolhi e quis evidenciar simplesmente

.....
2) “A vocação dos membros da Obra de Maria é o Amor vivido pessoal e comunitariamente, como Corpo Místico. Ele tem várias expressões, que comparamos à luz, que se refrata em sete cores. Por isso, no Movimento dos Focolares costuma-se chamar de “cor” cada um dos seguintes aspectos: [...] Sabedoria e estudo — anil” (AA.VV., *Come un arcobaleno*, Roma, 1999, pp. 17-18, para uso interno do Movimento dos Focolares).

porque, sendo belas, têm em si — penso eu — um raio da beleza que é, ao mesmo tempo, a verdade de Deus. Ou, ainda, previsões que surpreendem porque se realizaram depois de vários anos.

Estamos nos anos 50. Em 1954, o Espírito Santo nos havia iluminado sobre os sete aspectos do amor e, a partir de 1955, falamos do anil. E eis um fato que causa muita admiração: parece que, desde então, o Espírito Santo quis comunicar-nos o projeto que tem sobre o nosso Movimento. Faz-nos entender que são três os períodos da nossa Obra, precisando-os com os nomes: Assis, Paris, Hollywood, já presentes no seu DNA, se assim se pode dizer, pelo carisma que a suscitou e sempre a conduziu, mas que só vieram à plena luz alguns anos mais tarde.

É um tema que eu iria retomar somente em 1988³:

Nós distinguimos em nosso Movimento três períodos: o primeiro foi aquele em que nasceu a nossa espiritualidade, o nosso estilo de vida. E lhe demos o nome de Assis.

O segundo foi aquele em que comecei a estudar para confrontar os aspectos da nossa espiritualidade com a doutrina da Igreja. E vimos que coincidiam, embora prévissemos a abertura de novos horizontes. E comuniquéi isso a todos.

Causara-nos impressão e temor, a esse propósito, entre outras coisas, uma frase que se atribui a Francisco de Assis, temeroso de que os frades se apegassem aos livros: “Paris, Paris, destróis Assis”.

“Nós — afirmava-se então — queremos que Paris exista, mas também Assis. Nós vivemos a espiritualidade, mas queremos também estudar”.

E agora — como todos sabemos — já se abriu o terceiro período, que identificamos com o nome de uma outra cidade-símbolo: Hollywood. Ele apresenta e apresentará o conteúdo do nosso Movimento em público, através de várias expressões artísticas e dos grandes meios de comunicação.

Mas vamos diretamente ao tema.

.....
3) Trata-se de conversações orais transformadas em texto de discurso escrito.

A sabedoria

A Sabedoria. O que é a Sabedoria?

Transcrevo esta página de um livro de 1964:

Pelo dom da Sabedoria, a alma é colocada em contato com as realidades eternas. [...] Ela perscruta a profundidade de Deus e entrevê sua fulgente beleza. Vê algo que não consegue repetir, e bebe daquela fonte inexaurível, sem nunca ficar saciada, com um desejo cada vez mais vivo — como uma corça que se abeira da fonte — [...].

Entretanto, tendo descoberto e quase saboreado Deus, com essa luz diante dos olhos pode-se observar o mundo e ver tudo muito bem [...], avaliando tudo segundo razões divinas, quase que projetando sobre todas as coisas a luz do infinito olhar de Deus.

Na mente do sábio cristão quase que se reconstrói a ordem ideal que existe na Mente de Deus. O desenvolvimento das eras e das idades, a sucessão e a concatenação dos acontecimentos, a fluência das coisas, o progresso da história, o desenrolar da própria vida, tudo é visto em sua relação de dependência e de convergência para o projeto divino [...] com a mesma síntese mental de Deus, que vê todas as coisas no Verbo e ama todas as coisas no Espírito, e tudo conhece amando, e tudo ama no ato mesmo da sua contemplação infinita. (Spiazzi, 1964, p. 229)

“Os membros do Movimento devem possuir a Sabedoria”.

Isso é dito e repetido nos escritos, nos diversos Estatutos. É para nós um imperativo.

Mas vem a pergunta: como podemos obter a Sabedoria?

O mesmo Espírito Santo que nos manda fazer alguma coisa (através dos *Estatutos* por Ele inspirados) também nos dá a resposta.

E a resposta foi ficando cada vez mais clara no decorrer do tempo.

A Sabedoria pode ser obtida de quatro maneiras: pedindo-a a Deus, amando a Deus e o próximo, amando Jesus Abandonado, colocando Jesus no nosso meio.

1) Sempre rezamos para obter a Sabedoria, desde os primeiros dias — eu diria — quando, ao nos preparar para falar ao nosso

pequeno público, ficávamos até uma hora diante de Jesus no sacrário, repetindo-lhe: “Tu és tudo, eu sou nada”, afim de que Ele, e somente Ele, falasse por nosso intermédio. E ali — é preciso lembrá-lo — foi onde tudo teve início.

Continuamos ainda hoje a rezar ao Pai, com um ou vários consenserint [assim denominamos a oração que nos foi ensinada por Jesus: “Se dois de vós estiverem de acordo na Terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isto lhes será concedido por meu Pai que está nos Céus” (Mt 18,19)], oração que em geral pronunciamos juntos antes de um discurso, para termos o Espírito Santo.

2) Pode-se obter a Sabedoria, também, amando: amando a Deus e o próximo.

Sempre foi nossa convicção e experiência de que o amor traz a luz. Desde os primeiros anos dedicamos um amor especial a esta Palavra de Jesus: “Quem me ama será amado pelo meu Pai e também eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14,21).

São Beda dizia:

Quem tem amor à Palavra (na qual Cristo está) receberá também a inteligência para compreender a Palavra que ama; ao passo que quem não ama a Palavra também não usufruirá das delícias da verdadeira Sabedoria. Mesmo que acredite que a possui, devido aos seus dotes naturais e por seus estudos, de fato não a possui”. (S. Beda, 1970, p. 129)

E explicávamos depois disso: “Para se obter a Sabedoria é preciso ser um outro Jesus, e para ser um outro Jesus é preciso amar; a luz que se tem ao amar é a Sabedoria”. Como a luz da bicicleta se acende quando nós pedalamos, analogamente a Sabedoria se acende em nós quando amamos.

E vinha à mente um provérbio oriental: “Dê-me seu coração — [isto é, ame] — e eu lhe darei meus olhos”; que quer dizer: ame, e eu o farei ver.

Portanto, obtém-se a Sabedoria, com o amor.

3) Nós a conquistamos, também, amando Jesus crucificado e abandonado.

No capítulo VI dos atuais Estatutos assim está escrito:

As pessoas que fazem parte da Obra de Maria procurarão possuir, antes de mais nada, a verdadeira Sabedoria cristã. Deus ama somente aquele que vive com a Sabedoria (cf. Sb 7,28). Por isso, abraçando com Cristo a sua cruz e o seu abandono, procurarão fazer com que resplandeça no próprio coração o Ressuscitado, que irradia [...] os dons do Espírito. (cf. art. 58)

Já em 1967 eu dizia que temos a Sabedoria quando amamos Jesus Abandonado:

Se nós não amamos a cruz, se não vivemos senão por ela, não existe em nosso coração verdadeiro amor a Deus e aos irmãos, não existe a Sabedoria. Ao oferecer o nosso dia, repitamos cada manhã, tal como quando éramos recém-nascidos para esta nova vida: Porque és Abandonado, Jesus; porque és Desolada, Maria. Pois Ele é a plena Sabedoria para nós. E entendemos por que são Bernardo dizia que no crucifixo está a sua mais alta filosofia.

Lê-se num livro, publicado por Città Nuova [Roma], que Bernardo de Claraval teria dito a um professor de Paris:

Pelo que sei, comentas os livros dos Profetas. Mas podes dizer que compreendes as lições deles, e, em especial, o ensinamento deles sobre Cristo? Compreenderás melhor o Cristo seguindo-o, muito mais do que ensinando-o.

Luís G. de Montfort faz quase coincidir a Sabedoria com a própria cruz. Dele aprende-se como a árvore da cruz destila um néctar eterno: Sabedoria, raio, reflexo, participação da Sabedoria eterna, que é o Verbo de Deus.

E diz que o sofrimento ensina aquilo que em nenhuma outra arte se pode compreender. Este ocupa a mais alta cátedra. O sofrimento é mestre de Sabedoria, e quem tem a Sabedoria é bem-aventurado. De fato, bem-aventurados são os que sofrem. Eles serão consolados não só com o prêmio na Outra Vida, mas também com a contemplação desde aqui, na terra, das coisas celestes.

4) O quarto modo de obter a Sabedoria é colocar Jesus no meio de nós. De fato, continua o nosso Estatuto:

[As pessoas] procurarão, além do mais, estar unidas entre si para que Cristo, presente no amor recíproco, possa distribuir também no meio delas os dons do Espírito. (cf. art. 58)

Sempre estivemos convencidos de que “devemos ter a Sabedoria individualmente (mediante o Ressuscitado em nós) e coletivamente (com Jesus entre nós). Devemos aprender (com isso) — afirmávamos — a ser fontes que transbordam”.

Um sinal de que a Sabedoria está presente em quem fala é a exclamação por parte de quem escuta: “Que beleza!” Exclamação essa que nunca se refere a um raciocínio humano que foi ouvido, e sim ao sobrenatural. Se em nossas palavras, por exemplo, for percebido o fio de ouro que liga todos os acontecimentos da nossa vida, deixando-nos admirados, quer dizer que aí há Sabedoria.

E a Sabedoria foi abundante em nossa Obra, na hora de delinear a sua espiritualidade e a sua estrutura.

Como costumamos lembrar, mesmo antes da nossa aventura eu queria conhecer a Deus, e tinha a impressão de ouvir em meu coração as palavras: “Serei o teu Mestre”.

E Ele o foi para mim e para muitos.

Por isso, na Universidade de Buenos Aires (UBA), em 1998, pude dizer:

Com surpresa posso afirmar agora, somente para a glória de Deus, que, depois de décadas de um sério e esplêndido seguimento [de Cristo], Deus teve a bondade de nos fazer conhecer (a mim e a todos os que seguem o Movimento) um pouco da sua infinita Sabedoria. E não só pelo tempo que dedicamos ao estudo sobre Deus, a teologia, mas — parece — também pelos outros âmbitos do saber, dando-nos a possibilidade de captar aquelas linhas que devem se constituir a nervura — a fim de torná-las autenticamente verdadeiras e aceitas por Ele — das várias ciências humanas.

E eis o que está escrito, a esse propósito, no Livro da Sabedoria:

Sendo uma só, tudo pode;
sem nada mudar, tudo renova.
(...)
Ela é mais bela que o Sol,
supera todas as constelações:
comparada à luz do dia, sai ganhando,
pois a luz cede lugar à noite,
ao passo que sobre a Sabedoria,
não prevalece o mal. (Sb 7,27-30)

O estudo

É o estudo, sim, porém com este esclarecimento: “o anil não é tanto o estudo em si, mas a Sabedoria, porque é o aspecto do amor: o amor que se torna Sabedoria, que ilumina”.

O estudo não é, pois, um acréscimo à Sabedoria, mas um meio para ampliá-la, para torná-la irradiante.

“A Sabedoria é o alfa e o ômega. A Sabedoria é o princípio; a Sabedoria é o fim: Deus”.

Define-se inclusive o lugar do estudo: “O estudo [...] pedestal para a Sabedoria”.

O estudo, entretanto, têm uma importância especial para nós. Sempre soubemos que “para aumentar a Sabedoria era preciso estudar”.

E entre nós, graças a Deus, parece que até agora podemos dizer que “Paris não destruiu Assis”. O estudo sempre esteve a serviço da Sabedoria.

O estudo é inclusive encorajado com estas palavras:

E poderia ser muito mais (a serviço da Sabedoria). Um sétimo da nossa vida (considerando os sete aspectos do amor) seja dedicado sempre ao estudo.

Já em 1960 encontramos esse texto:

A Sabedoria será corroborada pelo conhecimento da teologia e de todas as noções profanas que servirem a esses objetivos. Jamais, porém, a teologia sufoque a Sabedoria, e vice-versa: a Sabedoria colabore com a teologia.

E insisto:

Tive uma grande alegria pensando que em nossa Obra o estudo é visto como uma das sete expressões da nossa vida, como um aspecto do amor. E o será com a condição de que sirva ao amor a Deus e ao próximo. Do contrário, é um obstáculo, é Paris destruindo Assis.

Há um pensamento (entre outros) que leva à compreensão de que mesmo o estudo humanístico e científico é para nós uma vontade de Deus bem precisa. Com o tempo, far-se-ia justiça a esse esclarecimento e, sobretudo agora, com as nossas chamadas “inundações”⁴.

Para a formação dos focolarinos, por exemplo, já em 1966 eu dizia:

Para tudo o que se refere aos estudos humanísticos e científicos, prevê-se que o focolarino se mantenha informado sobre o que se refere à sua profissão e se aperfeiçoe cada vez mais. É preciso pensar que, com o passar do tempo, muitos focolarinos da mesma profissão serão agrupados nas obras que hão de nascer. Isso fará com que coloquem em comum, sim, com Jesus no meio deles, também aquelas idéias, aquelas noções, aqueles aprofundamentos que, dia a dia, tiverem adquirido. A presença de Jesus no meio dos operários que exercem a mesma profissão, por exemplo, fará, de fato, com que haja cada vez mais Jesus neles, agindo naquele determinado setor, iluminando também a profissão de cada um. Ao mesmo tempo, esses focolarinos poderão ser também fermento nos Centros do Movimento. (São as “inundações”). No que se refere ao estudo teológico, prevê-se que os focolarinos deverão freqüentar cursos superiores de teologia.

E aqui há um pensamento bastante recorrente:

Quanto à teologia, nós deveremos aprofundar a doutrina do Corpo de Cristo, estudo que irá se aperfeiçoando, inclusive em seus detalhes.

.....
4) Tomando emprestado o termo de são João Crisóstomo, por “inundação” entende-se a presença forte e intensa da vida e da luz do Carisma da Unidade nas realidades humanas.

Esse patrimônio de doutrina do Corpo de Cristo será colocado em comum na Obra de Maria e será uma riqueza também para toda a Igreja.

E aqui há um outro conceito importante:

Naturalmente, a doutrina do Corpo de Cristo (que exige que se viva segundo o modelo trinitário) terá reflexo inclusive no tecido social, que será edificado, pelo menos para os que trabalham na Obra de Maria, à imagem e semelhança do Corpo de Cristo.

No que se refere ao modo de estudar, em 1974, um gen's⁵ fez-me a seguinte pergunta: "Em sua visão, como podemos passar pelo estudo da teologia sem apegar-nos demais a ele ou perder o senso da radicalidade do Ideal e do Evangelho?"

Respondi assim:

A coisa é muito simples. Também eu estudei e, por 14 vezes, foi-me dito para largar os estudos e retomá-los outra vez. Pois bem, lembro-me da minha última hora de estudo. Nunca me esqueci dela. Eu estava sentada no chão, sobre um tapete; como me preparava para uma prova de geografia, tinha, de um lado, o atlas e, do outro, a apostila. E eu disse para mim mesma: 'Agora preciso estudar de modo perfeito, para fazer a vontade de Deus; e para ir em frente, preciso saber exatamente o que estudei antes, tal como sei a Ave-Maria'. E assim fiz. Parecia-me que o estudo era como incenso que subia até Deus, porque se tratava de fazer bem a vontade de Deus. Lembro-me de que aquela última hora de estudo parecia uma obra-prima. E terminada aquela hora, eis que já se apresentava outra vontade de Deus, a de fazer a comida para as focolarinas, pois eu era a única em casa; as outras tinham ido trabalhar. Depois disso, mandaram-me suspender os estudos. E fiquei feliz, porque a vida é amor, não é estudo. Portanto, o importante é fazer a vontade de Deus, pois é assim que se ama. Agindo desse modo, não há o perigo de nos apegar ao estudo.

.....
5) Os gen's são os jovens seminaristas que vivem a espiritualidade do Movimento dos Focolares.

Procura-se estudar perfeitamente também porque, quando o estudo “é bem feito, pode ser um auxílio para a contemplação”. Essa é uma convicção de Teresa d’Ávila, doutora da Igreja, que de contemplação entendia muito bem. Os doutos, para ela, têm mais facilidade, “se forem verdadeiros doutos, para a contemplação”, e, portanto, para possuir a Sabedoria.

As seguintes palavras que escrevi em 1960 também nos mostram ainda como comportar-nos frente aos estudos:

O estudo, para nós, não vale nada se não for efeito do nosso amor. Foi dito: surgunt indocti, vêm os ignorantes e arrebatam o Reino de Deus, e nós, com os nossos estudos, vamos para o fundo do inferno. Assim se dizia daqueles que davam importância demais ao estudo, e menos ao espírito de piedade, de oração etc.

Para nós, portanto, o amor deve ser a mola propulsora para os estudos.

Por que nós — encontrei num escrito — queremos estudar? Por que não queremos nunca parar de estudar? Porque amamos a Deus e quando alguém ama o outro e por ele está apaixonado, quer saber tudo a respeito dele. Nós queremos saber tudo o que for possível sobre Deus, para nos apaixonarmos cada vez mais por Ele. Então, os livros não serão um estorvo para a nossa alma, algo que extingue o espírito de oração, e sim como palha que alimenta o fogo...

O estudo também não deve ser apenas um dos efeitos da caridade, mas deve servir à própria caridade.

Para nós, como para são Bernardo, todo conhecimento, inclusive o conhecimento das Escrituras, deve “servir à caridade”. Porque é na caridade que o homem aprende a conhecer a si mesmo e a conhecer a Deus, restaurando a “semelhança” com Deus.

O próprio são Bernardo, num célebre sermão, dizia: “Toda a minha alta filosofia, hoje, consiste em conhecer que Jesus é Jesus, e que ele foi crucificado”.

E quando Bernardo começou, com seus primeiros companheiros, a percorrer a estrada que Deus lhe havia indicado, e “escolheu unicamente Deus”, “a sua vida com os companheiros — dizem — era somente

caridade". "Aqueles que viam como eles se amavam reconheciam que Deus estava neles".

Isso vale também para nós, sempre, inclusive para aqueles mais dedicados aos estudos.

O amor, portanto, deve ser a alma do estudo.

João Paulo II, falando a um grupo de intelectuais, disse que é necessário que os estudiosos, os teólogos, tenham diante de si, como modelo, Teresinha de Lisieux, porque só o amor é capaz de fazer uma teologia viva (cf. João Paulo II, 1997, O.R., p. 5).

Podia-se indicar são Tomás de Aquino como modelo, mas o Papa preferiu citar Teresa de Lisieux.

A doutrina da Unidade

Há algum tempo alimentamos a idéia de que do Carisma da Unidade deve nascer uma doutrina. Ou melhor, da vida de unidade. Costuma-se dizer, de fato, que como do Pai foi gerado o Filho, seu Verbo, sua Luz, sua Beleza, assim da vida de unidade deve surgir uma teoria, uma doutrina.

Eis alguns pensamentos a esse respeito:

Se não existisse a vida de vocês, também não haveria nem mesmo a doutrina, porque precisa existir o Pai para que seja gerado o Filho, e a doutrina é como o Filho em relação ao Pai. Essa realidade nova (a doutrina), que a todos nós abraça, não progrediria se nós não vivêssemos assim [...].

Essa vida evangélica é como uma escola, ou melhor, como a fonte de uma nova doutrina que sintetiza e amplia os conhecimentos já adquiridos.

Uma doutrina que será também uma nova síntese, uma vez que o ideal da unidade faz a unidade dos opostos. No campo teológico há muitas escolas. O Ideal tem a força, com Jesus no meio, de fazer uma síntese, e não uma mera adaptação.

E essa doutrina foi compreendida em relação a Maria:

Surgirá uma nova teologia, uma teologia da Igreja, que é também uma teologia mariana, porque é a teologia da Obra de Maria. E desta vez será a própria Maria que, com o seu próprio carisma, nos ajudará a recolher tudo o que foi fruto, através dos séculos, de todos os carismas, de todas as escolas, para poder fazer uma nova síntese, uma síntese mariana, a síntese que hoje a humanidade espera, a fim de [...] revestir a face da Igreja não só de caridade, mas de luz, porque Jesus é a luz vinda a este mundo.

Certo dia, conversando com um Núncio Apostólico na África sobre as “sementes do Verbo” presentes em todas as culturas, pareceu-me ter entendido que a doutrina que floresce do Ideal, que emerge do Carisma, não é baseada em nenhuma cultura humana, porque é do Espírito Santo. E, então, é uma luz que não tem cor. É uma luz branca, que pode servir a todas as culturas. Pode penetrar no profundo de cada ser humano, porque Jesus é o Homem: não um homem apenas, mas o Homem.

Quanto ao aspecto da Sabedoria e Estudo, eu escrevi:

O que me interessa é a doutrina que daí se extrai. Eu não bebo o vinho ao chupar a uva. Eu bebo o vinho depois que a uva foi pisada. O vinho seria a doutrina que se extrai do cacho de uva, e o cacho seria toda a nossa experiência. O vinho seria a doutrina com a qual todos nos inebriaremos: todos iluminados, todos felizes.

Os pensamentos seguintes são um pouco novos, e sem dúvida contêm uma previsão.

Temos a impressão de que, na Obra de Maria, Deus esteja desenvolvendo não só uma doutrina nova, mas esteja encarnando-a também em formas de vida as mais variadas que se transformarão em campos de experiência e serão elas mesmas parte da Escola (as inundações estão ligadas à Escola Abbá⁶). Assim, para estudar bem a doutrina social cristã (para que possamos dar nossa própria contribuição), é preciso ir ver como se vive nas indústrias, nas empresas que a Obra de Maria fez

.....
6) A Escola Abbá é constituída por um grupo de estudiosos do Movimento dos Focolares, para aprofundamento teórico e interdisciplinar dos conteúdos doutrinários do carisma de Chiara Lubich.

nascer. E, para conhecer a fundo os problemas pedagógicos, ligados à educação, será preciso ir ver aquelas escolas nas quais se vive o nosso Ideal. Toda a Obra de Maria parecerá um campo experimental, uma academia dessa doutrina, e, ao mesmo tempo, será geradora dela.

É impressionante isto que eu dizia já em 1967:

Eu gostaria que nascesse, do nosso Movimento (já que a contribuição que nós devemos dar à Igreja não é tanto, por exemplo, a dos *Compagnons Bâtitseurs*⁷⁾, uma obra de luz. Deverão nascer da nossa espiritualidade uma cultura, uma filosofia, uma sociologia, uma teologia. Isso é verdadeiramente desejável. Quero dizer que, entre as coisas concretas que deverão nascer do Movimento dos Focolares, essa é a mais auspiciável, a mais lógica. Essa seria uma das obras, ao meu ver, que a Obra de Maria deveria produzir, justamente porque possui uma espiritualidade. Como é o cristianismo visto com os olhos do Século XX, com as exigências do Século XX, que supõe todo o passado, deve necessariamente contar com homens e mulheres dedicados aos estudos.

E em 1974 encontramos os indícios da Escola Abbá:

A leitura dessas páginas dava a vocês algumas noções para compreender uma coisa ou outra. E colocava em vocês sobretudo uma grande carga de esperança de que essas noções se transformassem, um dia, em verdadeira luz. As noções eram as mais variadas: iam do campo da sociologia ao da política, da ciência etc. Ora, nós estamos reunidos hoje justamente para iniciar a recolha dessas noções. Nada disso, porém, poderá acontecer se não recriarmos entre nós aquele ambiente, aquela atmosfera de unidade, de altíssima unidade, que é a Alma; e eu penso que hoje — 2 de dezembro de 1974 — poderia se tornar o que no futuro chamaremos de data histórica. Porque poderá ser o dia do pré-nascimento da doutrina da Obra de Maria.

.....
7) Associação surgida na Bélgica, em 1953, com a finalidade de ajudar as populações vítimas das destruições da Segunda Guerra Mundial.

E concluamos, agora, com um pensamento extraído do Livro da Sabedoria:

A Sabedoria é radiante e não fenece,
facilmente é contemplada por aqueles que a amam
e deixa-se encontrar por aqueles que a buscam.
Ela mesma se dá a conhecer
aos que a desejam.
Quem por ela madruga não se cansa:
pois a encontra sentada à porta.
Meditá-la é a perfeição
da inteligência;
quem vigia por ela logo
se isenta de preocupações. (Sb 6,12-15)

Nossa Senhora é a sede da Sabedoria, não porque falou, não porque foi uma doutora da Igreja, não porque sentou-se numa cátedra, não porque fundou universidades; é a sede da Sabedoria porque deu ao mundo Cristo, a Sabedoria encarnada. Realizou um fato. Assim também nós: teremos a Sabedoria se vivermos de modo que Jesus esteja em nós, esteja entre nós, esteja de fato entre nós.

Bibliografia

- AA.VV., 1999. Come un arcobaleno. Roma : Città Nuova.
ESTATUTOS GERAIS DA OBRA DE MARIA, 1991. São Paulo : Cidade Nova.
JOÃO PAULO II, 1997. "Audiência aos participantes da sessão plenária da Congregação para a Doutrina da Fé", 24 de outubro de 1997.
In: L'Osservatore Romano, 25.out., p. 5.
SAN BEDA, 1970. Commento al Vangelo di Marco, vol. I. Roma : [s.n.].
SPIAZZI, R., 1964. Lo Spirito Santo e la vita cristiana. Roma : [s.n.].